1 Atividade econômica

A economia brasileira desacelerou em 2025 em relação aos anos anteriores, com arrefecimento maior dos setores mais sensíveis ao ciclo econômico e da demanda doméstica e forte crescimento da agricultura. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 2,3% em 2025, após altas de 3,2% e 3,4% em 2023 e 2024, em linha com as expectativas iniciais do ano.[1] A indústria desacelerou em relação ao ano anterior, com variações negativas na indústria de transformação e em "eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos" (EGAER) e desaceleração na construção, apesar do aumento do crescimento na indústria extrativa. O desempenho do setor de serviços também foi inferior ao do ano anterior, com menor ritmo de crescimento em todos os segmentos, com exceção de transportes e serviços de informação. Já a agropecuária registrou forte alta em 2025, influenciada pela expressiva produção de grãos, especialmente soja e milho. No lado da demanda, destacaram-se a desaceleração no consumo das famílias, na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e nas importações (Tabela 1.1). A moderação da economia em 2025 foi influenciada pelos setores mais sensíveis ao ciclo econômico, enquanto os menos sensíveis aceleraram, impulsionados pelos desempenhos da agropecuária e da indústria extrativa.[2]

Tabela 1.1 – Produto Interno Bruto
Acumulado no ano

Variação %

Discriminação	Peso (2024)	2021	2022	2023	2024	2025
PIB a preços de mercado	**100,0**	**4,8**	**3,0**	**3,2**	**3,4**	**2,3**
Agropecuária	5,8	0,0	-1,1	16,3	-3,7	11,7
Indústria	20,9	5,0	1,5	1,7	3,1	1,4
Serviços	59,2	4,8	4,3	2,8	3,8	1,8
Impostos	14,1	6,2	2,3	2,3	5,7	1,7
Consumo das famílias	64,0	3,0	4,1	3,2	5,1	1,3
Consumo do governo	18,8	4,2	2,1	3,8	2,0	2,1
FBCF	16,9	12,9	1,1	-3,0	6,9	2,9
Exportação	17,9	4,4	5,7	8,9	2,8	6,2
Importação	-17,6	13,8	1,0	-1,2	15,6	4,5

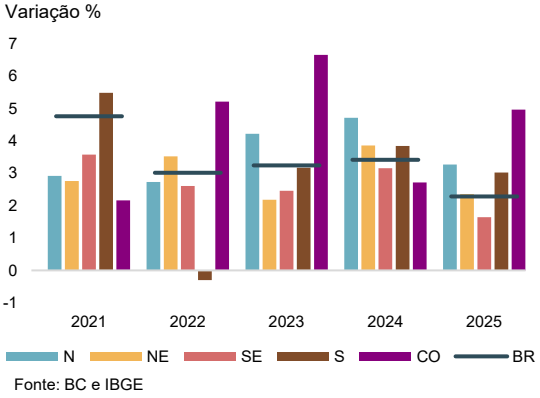
Fonte: IBGE

O crescimento da atividade econômica em 2025 foi disseminado regionalmente, mas menor do que o de 2024 em quatro das cinco grandes regiões. Houve alta do Índice de Atividade Econômica Regional (IBCR)[3] em todas as cinco regiões do Brasil e nas dezessete Unidades da Federação (UF) para as quais o indicador é calculado[4]. Destacaram-se as altas nas regiões Centro-Oeste, Sul e Norte, que cresceram bem acima da média

1/ No Relatório de Inflação (RI) de dezembro de 2024, o BC projetava alta de 2,1% para 2025, enquanto a mediana das projeções do relatório Focus estava em 2,0%.
2/ Discussão mais aprofundada sobre esse tema aparece no capítulo 1 do Relatório de Política Monetária (RPM) de março de 2026. Segundo a classificação usualmente apresentada no RPM, os setores mais cíclicos são Indústria de transformação, Construção, EGAER, Comércio, Transportes, Informação e Outros serviços; por sua vez os setores menos cíclicos são Agropecuária, Indústria extrativa, Intermediação financeira, Atividades imobiliárias e Administração, saúde e educação públicas.
3/ As Contas Regionais são divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aproximadamente dois anos após o encerramento do período. Em razão disso, o IBCR, produzido pelo BC, foi utilizado para avaliação regional da atividade econômica em 2025.
4/ A partir de maio de 2025, o BC começou a calcular e divulgar o IBCR para mais quatro UF: Maranhão, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. O boxe IBCR: inclusão de quatro novas Unidades da Federação e revisão metodológica deste Boletim traz mais detalhes.

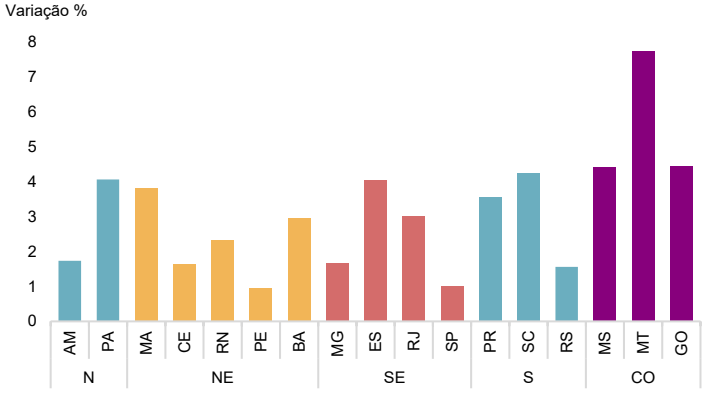
nacional, enquanto o Sudeste foi a única região com desempenho da atividade abaixo do resultado agregado do país (Gráfico 1.1). Exceto pelo Centro-Oeste, as regiões tiveram crescimento menor em 2025 do que em 2024. Entre as UF, dez cresceram acima da média nacional, com destaque para a expansão no Mato Grosso (Gráfico 1.2). No sentido oposto, as menores taxas de crescimento foram em Pernambuco e São Paulo.

Gráfico 1.1 – IBCR (regiões) e PIB (Brasil)



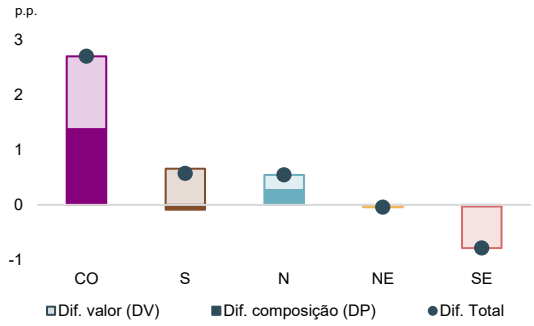
Fonte: BC e IBGE

Gráfico 1.2 – IBCR - 2025



A heterogeneidade do desempenho regional do IBCR refletiu combinações distintas entre a dinâmica da atividade econômica e a estrutura produtiva das regiões. Decompondo-se a diferença entre as taxas de crescimento do IBCR de cada região e o desempenho nacional[5] (Gráfico 1.3), observa-se que o desempenho das regiões Centro-Oeste e Norte foi influenciado tanto pelas diferenças de crescimento das atividades econômicas em cada uma delas (efeito DV) quanto pela estrutura econômica (efeito DP). No Sul, o desempenho acima da média nacional se deveu exclusivamente ao crescimento da atividade na região, enquanto no Sudeste esse efeito foi negativo. Por fim, o desempenho do Nordeste ficou próximo à média nacional, sem dominância de nenhum dos dois efeitos.

Gráfico 1.3 – Decomposição da diferença de crescimento em relação à média nacional - 2025



Conforme boxe "Decomposição das diferenças regionais de desempenho econômico".

A região Norte apresentou a segunda maior taxa de crescimento entre as regiões, ao lado da região Sul, ficando acima da média nacional. O crescimento do IBCR no Norte em 2025 foi de 3,3%, desacelerando em relação à alta de 4,7% em 2024, com contribuições relevantes da agropecuária, indústria de transformação e comércio. Por outro lado, a indústria extrativa registrou ligeiro recuo na região. Análise por UF revela que a desaceleração do crescimento foi mais intensa no Amazonas – com fraco desempenho da indústria de transformação e recuo no setor de serviços – e menor no Pará – que registrou aumentos mais expressivos na agropecuária, indústria de transformação, comércio e serviços, compensando a queda na indústria extrativa.

No Nordeste o crescimento também desacelerou em 2025, ficando próximo da média nacional. O crescimento do IBCR em 2025 foi de 2,4% na região, comparado a 3,9% em 2024. Para a desaceleração

5/ Ver boxe Decomposição das diferenças regionais de desempenho econômico no BR de 2023. As diferenças entre as taxas de crescimento do IBCR de cada região e o desempenho nacional são decompostas em dois efeitos: um que captura diferenças de ponderação de segmentos (DP) e outro que captura diferenças de crescimento dentro de um mesmo segmento (DV).

contribuíram principalmente o recuo da indústria de transformação e o desempenho mais fraco de comércio e serviços. Por UF, considerando os estados com informações do IBCR, Maranhão e Bahia apresentaram as maiores taxas de crescimento, impulsionados pelo desempenho da agropecuária, enquanto Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará registraram crescimento abaixo da média nacional, impactados principalmente pelo recuo da indústria de transformação.

No Sudeste o crescimento recuou, ficando abaixo da média nacional. O IBCR na região avançou 1,6% em 2025, após alta de 3,2% em 2024. A piora no desempenho foi influenciada pelo recuo na indústria de transformação e no comércio, parcialmente compensados pelos resultados mais fortes na indústria extrativa, nos serviços e na agropecuária. São Paulo, afetado pelos recuos da indústria de transformação e comércio, e Minas Gerais, com fraco resultado no setor de serviços, registraram menor expansão entre os estados da região e desaceleraram em relação ao ano anterior. Em sentido oposto, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, a atividade acelerou, impulsionada principalmente pela indústria extrativa.

A região Sul cresceu acima da média nacional, com recuperação da agropecuária. O crescimento do IBCR em 2025 foi de 3,1% na região, após alta de 3,8% em 2024. Destacaram-se os desempenhos da indústria de transformação, do comércio e, principalmente, da agropecuária. Santa Catarina registrou o maior avanço do IBCR na região, influenciado pela agropecuária, indústria de transformação, comércio e serviços. No Paraná, o crescimento foi impulsionado pela recuperação da agropecuária, enquanto no Rio Grande do Sul, a atividade desacelerou, impactada pela agropecuária e setor de serviços.

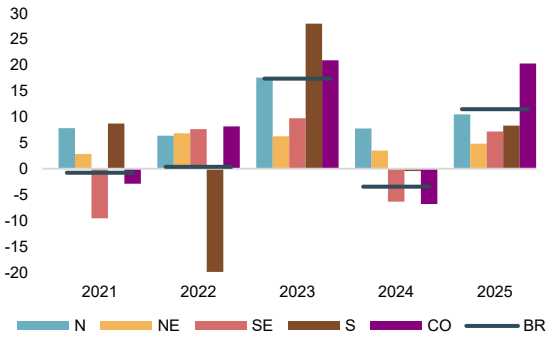
Assim como em 2023, o Centro-Oeste voltou a liderar o crescimento regional em 2025, impulsionado pelo forte desempenho da agropecuária. O crescimento do IBCR em 2025 acelerou para 5,0% na região, após alta de 2,7% em 2024. A alta na agropecuária, com peso de 17,7% no indicador, refletiu o avanço na produção agrícola, que também influenciou os fortes desempenhos do IBCR das UF da região, principalmente Mato Grosso. Contribuiu ainda para o crescimento o avanço disseminado do setor de serviços e, em Goiás, a alta da indústria de transformação.

A produção agrícola apresentou alta expressiva em 2025, fortemente influenciada pelos incrementos na produção de milho e soja[6]. A produção agrícola cresceu 11,5% nacionalmente, com destaque para a alta de 20,3% no Centro-Oeste (Gráfico 1.4). As UF com os maiores crescimentos foram Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, mas as maiores contribuições para a alta vieram do Mato Grosso e do Paraná, ambos em decorrência da alta da produção de milho e soja. Por outro lado, a maior queda ocorreu em Alagoas e a contribuição mais negativa veio do Rio Grande do Sul, respectivamente pelo recuo da safra de cana-de-açúcar e de soja (Gráfico 1.6). Ademais, outras UF do Nordeste também apresentaram quedas na produção agrícola.

A pecuária cresceu influenciada principalmente pelo abate de bovinos e pela produção de leite, apesar da desaceleração em relação a 2024. A produção pecuária cresceu 6,8% nacionalmente, com destaque para a alta de 11,3% na região Norte (Gráfico 1.5)[7]. As UF com os maiores crescimentos foram Rio Grande do Norte e Roraima, mas as maiores contribuições para a alta vieram de São Paulo e Rio Grande do Sul. O crescimento da produção de carne bovina foi impulsionado pela alta na região Norte, em especial Pará e Rondônia. A produção de leite, por outro lado, cresceu com contribuições relevantes das regiões Sul, principalmente no Paraná e no Rio Grande do Sul, e Nordeste, principalmente no Ceará (Gráfico 1.7).

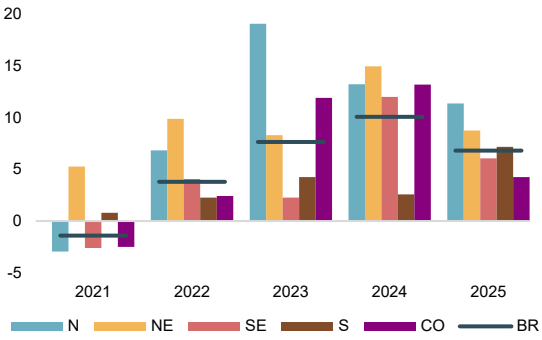
6/ A variação da produção agrícola foi estimada pelo BC, usando variações da produção do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola e os pesos da Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) de 2024, ambos do IBGE.
7/ A variação da produção pecuária foi estimada pelo BC, usando as variações da produção das pesquisas trimestrais de abates, leites e ovos do IBGE e os pesos setoriais das Contas Nacionais de 2021.

Gráfico 1.4 – Valor da produção agrícola
Variação % real



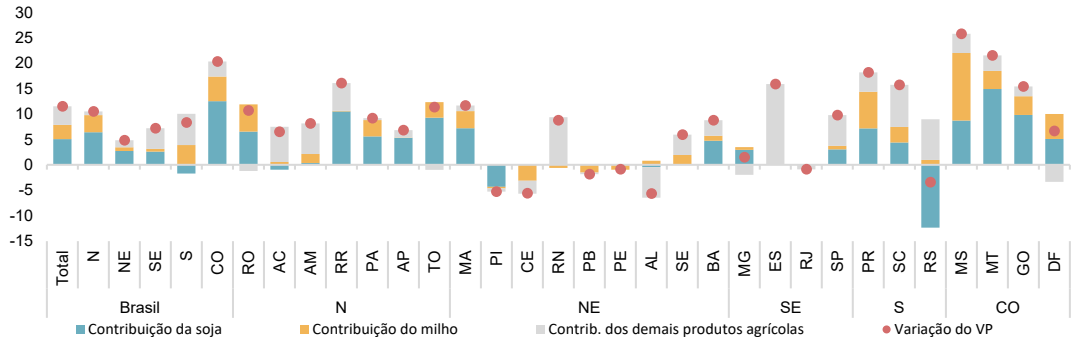
Fonte: BC e IBGE

Gráfico 1.5 – Valor da produção pecuária
Variação % real



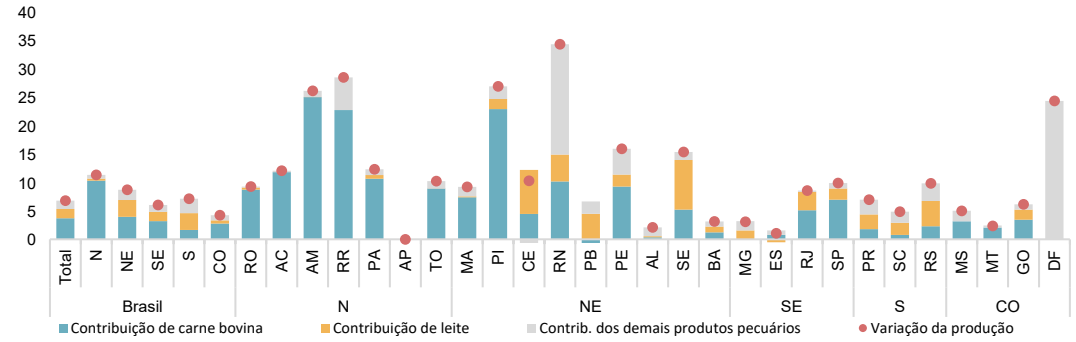
Fonte: BC e IBGE

Gráfico 1.6 – Valor da produção agrícola - 2025
Variação % real e contribuição por produto (p.p.)



Fonte: BC e IBGE

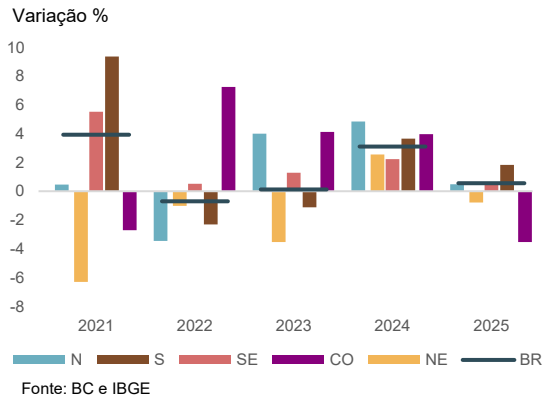
Gráfico 1.7 – Valor da produção pecuária - 2025
Variação % e contribuição por produto (p.p.)



Fonte: BC e IBGE. Não há dados para AP.

A desaceleração da produção industrial em 2025 foi disseminada, mesmo assim houve dispersão relevante no resultado das regiões. Em 2025 a produção industrial cresceu 0,6% no Brasil, abaixo da taxa de 3,1% em 2024. Assim como no agregado nacional, em todas as cinco regiões a variação da produção industrial em 2025 foi menor do que em 2024 (Gráfico 1.8). Mas os resultados regionais tiveram uma amplitude significativa. Por exemplo, a maior retração ocorreu no Centro-Oeste, -3,5%, e o maior crescimento foi o da região Sul, 1,8% (Gráfico 1.8). Na abertura por UF, dez apresentaram expansão, do universo de dezessete com dados disponíveis. Os estados com maior crescimento anual, Espírito Santo (11,6%) e Rio de Janeiro (5,1%), apresentaram forte contribuição da indústria extrativa, enquanto Rio Grande do Norte e Mato Grosso do Sul, que registraram as maiores quedas, foram influenciados por fortes recuos na indústria de transformação (Gráfico 1.9). Na abertura por seção, a expansão da indústria extrativa, de 4,9% em 2025, foi disseminada em quase todas as regiões, com exceção do Norte. O recuo da indústria de transformação (-0,2%) foi mais heterogêneo entre as regiões, como o maior crescimento ocorrendo na região Sul (1,8%), impulsionado pelas altas em "alimentos" e "máquinas e equipamentos", e maior retração (-3,6%) na região Centro-Oeste, com forte influência da queda em "coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis".

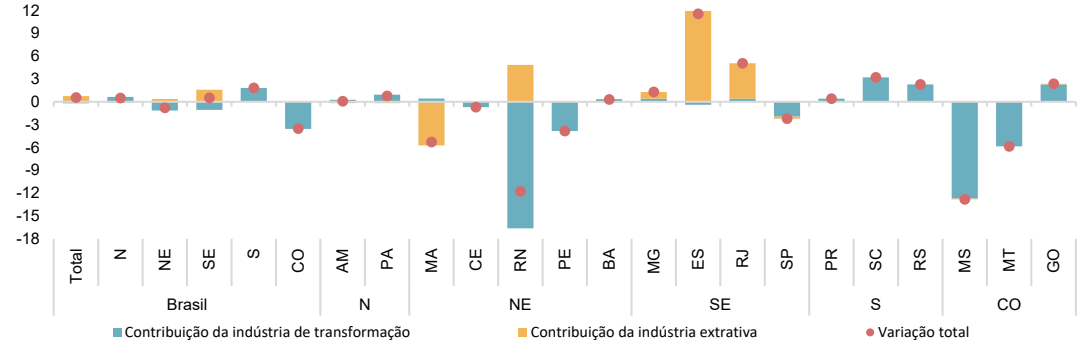
Gráfico 1.8 – Produção industrial



Fonte: BC e IBGE

Gráfico 1.9 – Produção industrial - 2025

Variação % e contribuição por seção (p.p.)



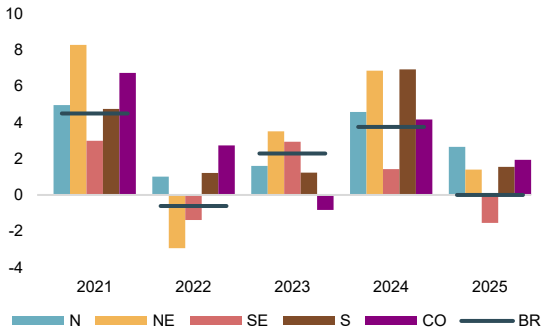
Fonte: IBGE

O comércio também desacelerou nacionalmente e em todas as regiões. O volume de vendas do comércio no conceito ampliado ficou estável em nível nacional após dois anos de crescimentos consecutivos. A despeito dessa estabilidade em termos agregados, quase todas as regiões apontaram crescimento em 2025, com exceção do Sudeste, que teve queda de 1,5%. Destacaram-se positivamente o Norte e o Centro-Oeste, com altas de 2,7% e 1,9% respectivamente (Gráfico 1.10). Todavia, assim como no Brasil, todas as regiões desaceleraram, exibindo taxa de variação menor em 2025 do que em 2024. Considerando dados por UF, observou-se crescimento na maior parte delas (Gráfico 1.11). Os maiores desempenhos ocorreram no Amapá (7,9%), seguido de Tocantins (5,2%), Mato Grosso (5,1%) e Ceará (4,3%). Em 2025, de modo geral o desempenho do comércio de bens mais sensíveis à renda das famílias superou o de bens mais sensíveis ao crédito. As vendas de automóveis e peças – bastante sensível às condições de crédito[8] – apontaram queda de 2,9%, com retrações generalizadas entre as doze UF com abertura para esse segmento, destacando-se São Paulo e o Rio Grande do Sul com -6,6%, seguidos do Paraná (-5,1%) e do Distrito Federal (-4,6%). Já o segmento de supermercados – o de maior peso entre os segmentos mais sensíveis à renda – apontou crescimento quase generalizado por UF, com os melhores desempenhos ocorrendo em Santa Catarina (7,1%), Distrito Federal (3,7%) e no Rio Grande do Sul (3,6%). A única exceção ocorreu em São Paulo, com queda de 0,9%. Considerando o comércio varejista no conceito restrito, constituído principalmente de produtos mais relacionados à renda e para o qual há informação para todas as UF, o aumento ocorreu em todas as regiões (Gráfico 1.12) e em 24 das 27 Unidades da Federação (Gráfico 1.13), com destaques para o Amapá (8,5%), Santa Catarina (5,8%), Paraíba (4,8%) e Rio Grande do Norte (4,7%). As retrações ocorreram em Roraima (-3,0%), Tocantins (-2,5%) e no Rio de Janeiro (-1,3%).

8/ O boxe Juros, renda e consumo de duráveis e não duráveis, publicado no RI de dezembro de 2024, mostra que o consumo de bens duráveis, como automóveis, é mais sensível a mudanças na taxa de juros que o consumo de bens não-duráveis.

Gráfico 1.10 – Vendas do comércio ampliado

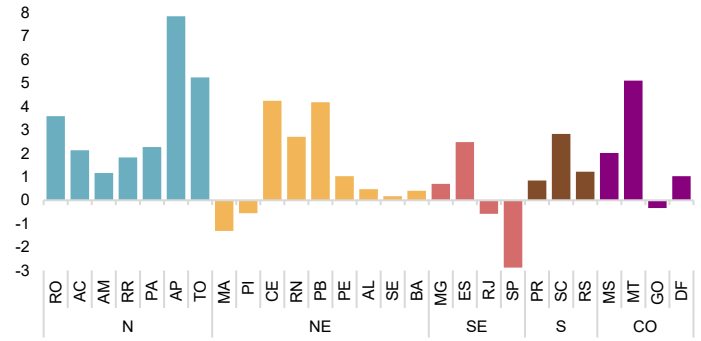
Variação %



Fonte: BC e IBGE

Gráfico 1.11 – Vendas do comércio ampliado - 2025

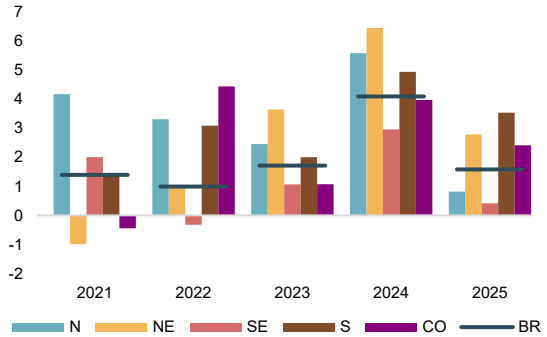
Variação %



Fonte: IBGE

Gráfico 1.12 – Vendas do comércio restrito

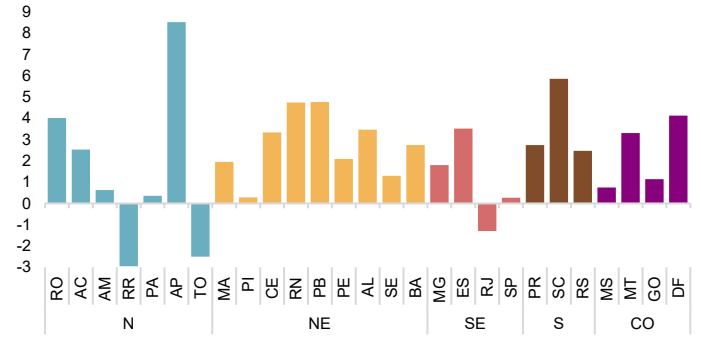
Variação %



Fonte: BC e IBGE

Gráfico 1.13 – Vendas do comércio restrito - 2025

Variação %

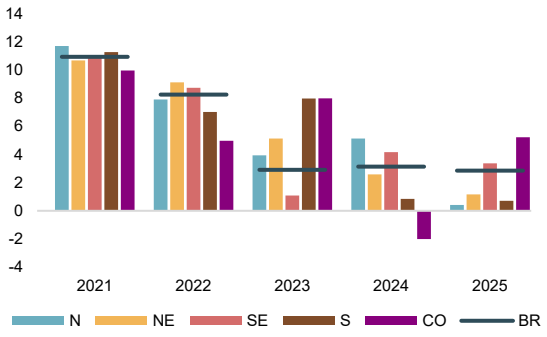


Fonte: IBGE

Diferentemente da indústria e do comércio, o volume de serviços não desacelerou nacionalmente, tendo crescido em ritmo semelhante ao dos dois anos anteriores, mas também com diferenças regionais. O crescimento mais expressivo ocorreu no Centro-Oeste e no Sudeste, enquanto as demais regiões tiveram altas bem menores do que a média nacional de 2,9% (Gráfico 1.14). Por UF, Distrito Federal, Paraíba e Mato Grosso do Sul foram os destaques positivos, enquanto Rio Grande do Sul e Amazonas apresentaram as maiores retrações na atividade de serviços (Gráfico 1.15). Diferentemente do total dos serviços, o segmento de serviços prestados às famílias reduziu o ritmo de crescimento em 2025 em relação ao apresentado nos dois anos anteriores, em claro movimento de acomodação (Gráfico 1.16). Nas doze UF com abertura da PMS por atividade, o aumento ocorreu com mais intensidade no Espírito Santo (12,3%), seguido por Santa Catarina, Ceará e Paraná. A maior redução ocorreu na Bahia (Gráfico 1.17).

Gráfico 1.14 – Volume de serviços

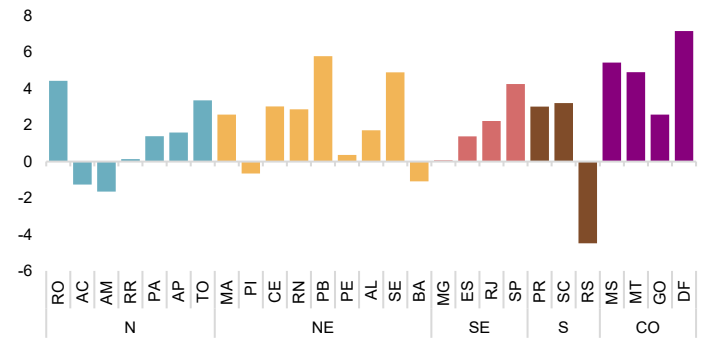
Variação %



Fonte: BC e IBGE

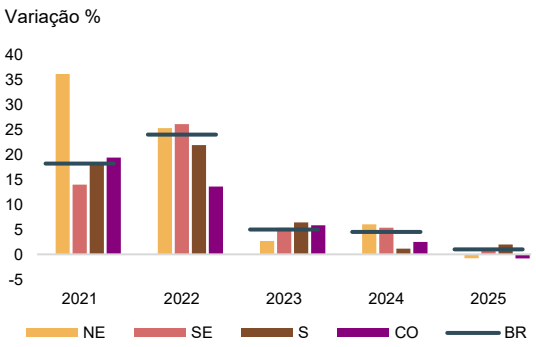
Gráfico 1.15 – Volume de serviços - 2025

Variação %



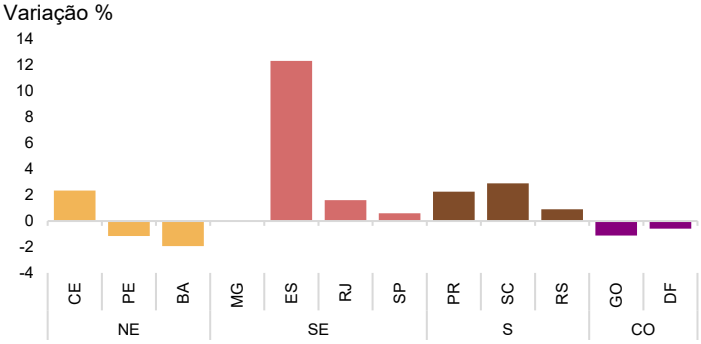
Fonte: IBGE

Gráfico 1.16 – Volume de serviços prestados às famílias



Fonte: BC e IBGE

Gráfico 1.17 – Volume de serviços prestados às famílias - 2025



Fonte: IBGE